Linguística aplicada e sociologia da língua de herança: compreendendo relações de poder e resistência interlinguística na realidade da imigração

Applied linguistics and sociology of heritage language: understanding power relations and interlinguistic resistance in the context of immigration

Lingüística aplicada y sociología de la lengua de herencia: comprendiendo relaciones de poder y resistencia interlingüística en la realidad de la inmigración

Fábio Luiz Nunes[1]
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG)

HE, Agnes Weiyun. **Voices of immigration**: a serial narrative ethnography of language shift. Cambridge (Reino Unido); New York (Estados Unidos da América): Cambridge University Press, 2025. 230 p. ISBN: 978-1-108-49022-1.

Pode-se compreender as línguas de herança (LHs) como idiomas minorizados [2] adquiridos no ambiente doméstico, definidos por laços ancestrais e afetivos que sobrelevam a competência gramatical (Fishman, 2001). Para Valdés (2001), se, no plano linguístico, observa-se um bilinguismo funcional, socialmente a LH opera como produtor de identidades em meios hegemônicos. Tais noções são os alicerces da obra *Voices of immigration: a serial narrative ethnography of language shift* (Cambridge University Press, 2025). Composto por oito capítulos e ainda inédito em língua portuguesa, o livro investiga a ecologia comunicativa da

[1]Especialista em Didática, Práticas de Ensino e Tecnologias Educacionais pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), em Formação Docente para a Cultura Digital pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) e em Retórica e Análise do Discurso em Publicidade e Propaganda pela Universidade de Araraquara. Psicólogo pela Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais. Profissional técnico-administrativo no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). ORCID: https://orcid.org/0000-0003-0784-1921. *E-mail*: fabio.nunes.fln@cefetmg.br.

[2]Trata-se de línguas que sofreram um processo de marginalização e desvalorização política, social e histórica frente a uma língua dominante. O conceito difere de *línguas minoritárias* porque o foco não se encontra na quantidade de falantes, mas na assimetria de poder e no processo sistemático de exclusão ou perda de prestígio social imposto a essas línguas.

DOI: 10.5281/zenodo.21313697

diáspora chinesa, especificamente no contexto dos Estados Unidos da América (EUA). A autora, Agnes Weiyun He, é catedrática de Linguística Aplicada na Stony Brook University (EUA) e emprega a etnografia narrativa (Gubrium; Holstein, 2008) para mapear a reconfiguração identitária e o deslocamento linguístico intergeracional nessa sua mais recente publicação.

No capítulo de abertura, chamado "Language, heritage, and change", He (2025) esclarece que a *etnografia narrativa serial*[3] é o método por ela empregado para investigar o desenvolvimento da LH chinesa. A autora propõe uma ontologia rizomática, inspirada em Deleuze e Guattari, concebendo a língua como processo de "vir a ser" e não como uma entidade estática, acabada. Percebe-se que essa perspectiva se diferencia de modelos formalistas que se concentram nos déficits gramaticais (Scontras; Fuchs; Polinsky, 2015), pois privilegia a agência dos falantes na construção de sua identidade sociolinguística.

O segundo capítulo, "Coming to the beautiful country", debruça-se sobre a trajetória do casal Meiping e Donghua (nomes fictícios), que migraram para os EUA na década de 1980. A narrativa expõe a ansiedade acarretada pelo sotaque estrangeiro e a transição do chinês para o inglês no domínio do lar, ratificando a percepção de Fishman (2013) sobre a dificuldade de manutenção linguística intergeracional nos EUA. Por seu turno, "Raising children", o terceiro capítulo, dá ênfase ao papel da avó materna de He como agente de socialização cultural. Nesse contexto, à medida que a autora descreve práticas culturais como o *jibengong*[4] e o *tinghua* (obediência filial), o relato de He (2025) explicita as formas com as quais o ambiente narrativo familiar modela a transmissão de valores em meio à erosão linguística.

Intitulado "Speaking the school language", o quarto capítulo trata das ideologias na família de Ben, aluno do jardim de infância (He, 2025). Os pais, Jane e John, priorizam a

[3]Segundo He (2025), esse método de pesquisa em ciências humanas e da linguagem é "serial" na medida em que reúne dados observacionais e entrevistas de um mosaico de falantes da língua de herança em distintos estágios vitais, desde a infância até o início da vida adulta. O caráter "narrativo" do método repousa na apresentação e na síntese dos relatos dos participantes, os quais são recontextualizados para compor uma história abrangente sobre a língua e a existência no cenário da imigração.

[4]O termo mandarim *jibengong* (基本功) traduz-se literalmente por "competências fundamentais" ou "habilidades básicas". No contexto do terceiro capítulo, a avó materna apresenta o conceito como um princípio educativo inegociável, o qual abrange o domínio de aptidões elementares, tais como a aritmética e a leitura.

DOI: 10.5281/zenodo.21313697

aquisição do inglês padrão visando evitar a estigmatização de sotaques e transpor o "teto de bambu" profissional. [5] Essa realidade exemplifica o processo de extinção linguística intergeracional acelerada nos Estados Unidos da América (Rumbaut; Massey, 2013). Observa-se que a professora de Ben, Sra. R., reforça o monolinguismo, desencorajando o uso da língua de herança, prática que restringe o capital cultural do aluno, desconsiderando a noção de que políticas e práticas restritivas de linguagem estruturam desigualdades (Gándara; Rumberger, 2009).

Já no capítulo cinco, "Chinese language school", a atenção volta-se para Chris e as escolas comunitárias. Nesse texto, a autora detalha o atrito pedagógico entre métodos tradicionais chineses, pautados na memorização e no senso de coletividade, e a socialização estadunidense dos alunos, tida por ela como caracteristicamente individualista. A professora de Chris, Wang Laoshi, tenta adaptar-se à cultura ocidental; já a resistência de Chris ao mandarim ilustra as tensões na manutenção do idioma, fenômeno que é distinto do isolamento linguístico em refugiados (Nawyn *et al*., 2012),[6] cabe ressaltar. O capítulo seis, "Seeing through children's eyes", aborda a história das adolescentes Diana e Emily. As jovens atuam como mediadoras linguísticas para os pais, modulando seus sotaques e reformulando interações para mitigar preconceitos. A narrativa indica como a pressão pela admissão universitária e a percepção do inglês como instrumento de poder social fomentam a substituição do idioma materno.

No sétimo capítulo, "Facing race", a autora discute a interseção entre racialização e práticas linguísticas de sino-americanos, ilustrada pelas vivências de Felix e Christine. He (2025) narra o despertar para a injustiça racial durante a pandemia por covid-19 e o movimento Black Lives Matter, instantes em que a língua de herança é retomada como elemento do ativismo. O leitor poderá notar que, ao longo do texto, a análise da identidade como *performance* interacional e a construção de relatos situados dialogam com a própria natureza

[5] A expressão "teto de bambu" (em inglês, *bamboo ceiling*) é uma metáfora utilizada para descrever as barreiras invisíveis e os obstáculos na carreira enfrentados por estadunidenses de origem asiática ou por asiáticos de modo geral.

[6] Para Nawyn *et al.* (2012), o isolamento linguístico vai além da simples barreira de capital humano voltado ao mercado laboral. Entende-se que o domínio do idioma hegemônico reflete uma forma de capital social, pois viabiliza o acesso a informações fundamentais e representa um instrumento de poder social. Nesse sentido, o isolamento limita a capacidade dos sujeitos de mobilizar recursos em suas redes, comprometendo o processo de integração e pertencimento.

metodológica da etnografia narrativa, que localiza as histórias em seus ambientes de produção (Gubrium; Holstein, 2008). Já no último capítulo, “A tangled tale”, a obra sintetiza os achados num modelo rizomático[7] de deslocamento linguístico, marcado por conexões não hierárquicas e direções imprevistas, opostas à perda determinista da língua materna. He (2025) descreve, nesse âmbito, uma fluidez no uso da língua que remete ao conceito de *languaging* adotado por autores como Backus, Jørgensen e Pfaff (2010). Tal termo refere-se ao emprego ativo e intencional de recursos de múltiplos idiomas, sem respeito a fronteiras rígidas entre códigos.

A obra de He (2025) institui, para este resenhista, um marco analítico por empregar, nos estudos sobre multilinguismo e contato linguístico, a chamada etnografia narrativa serial, metodologia capaz de privilegiar a longitudinalidade biográfica em oposição a métricas estáticas (Fishman, 2013). Particularmente nos capítulos “Facing race” e “A tangled tale”, a proposição do modelo rizomático elucida o modo pelo qual contextos de hostilidade racial estimulam a reativação do idioma de origem, fenômeno que converte o trauma em fonte de resistência. Essa legitimação da voz do sujeito migrante (Lara; Brait, 2022) empreendida pela autora subverte hierarquias de proficiência e interroga purismos pedagógicos que historicamente marginalizam falantes de idiomas de herança (Melo-Pfeifer, 2018). O estudo impõe-se, então, pela demonstração de que a vitalidade linguística de idiomas minorizados repousa na reinvenção contínua, refutando, desse modo, os determinismos de assimilação e o apagamento identitário recorrentes em análises sociolinguísticas tradicionais.

Referências

BACKUS, A.; JØRGENSEN, J. N.; PFAFF, C. Linguistic effects of immigration: language choice, codeswitching, and change in Western European Turkish. **Language and Linguistics Compass**, [*s. l.*], v. 4, n. 7, p. 481-495, 2010. Disponível em: https://doi.org/10.1111/j.1749-818x.2010.00215.x. Acesso em: 19 dez. 2025.

[7] He (2025) apropria-se da noção filosófica de *rizoma*, de Deleuze e Guattari, para reinterpretar o deslocamento linguístico e o desenvolvimento da língua de herança, um sistema de multiplicidade que se organiza por conexões laterais, heterogêneas e não hierárquicas. Assim, a competência linguística e a identidade do falante não possuem um centro fixo ou um fim determinado; elas evoluem multidirecionalmente, adaptando-se e transformando-se (como o crescimento subterrâneo de um rizoma) em resposta a contextos socioculturais complexos e em constante mutação.

FISHMAN, J. A. 300-plus years of heritage language education in the United States. *In*: PEYTON, J. K.; RANARD, D. A.; MCGINNIS, S. (ed.). **Heritage languages in America**: preserving a national resource. Washington, DC (Estados Unidos da América): Center for Applied Linguistics; McHenry (Estados Unidos): Delta Systems, 2001. p. 81-89.

FISHMAN, J. A. Language maintenance, language shift, and reversing language shift. *In*: BHATIA, T. K.; RITCHIE, W. C. (ed.). **The handbook of bilingualism and multilingualism**. 2. ed. Chichester (Reino Unido): Wiley-Blackwell, 2013. p. 466-494.

GÁNDARA, P.; RUMBERGER, R. W. Immigration, language, and education: how does language policy structure opportunity? **Teachers College Record**, New York (Estados Unidos da América), v. 111, n. 3, p. 750-782, 2009.

GUBRIUM, J. F.; HOLSTEIN, J. A. Narrative ethnography. *In*: HESSE-BIBER, S. N.; LEAVY, P. (ed.). **Handbook of emergent methods**. New York (Estados Unidos da América): The Guilford Press, 2008. p. 241-264.

HE, A. W. **Voices of immigration**: a serial narrative ethnography of language shift. Cambridge (Reino Unido); New York (Estados Unidos da América): Cambridge University Press, 2025.

LARA, G. M. P.; BRAIT, B. Vozes e olhares de migrantes brasileiros na Europa. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 66, e13961, p. 1-25, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1981-5794-e13961. Acesso em: 19 dez. 2025.

MELO-PFEIFER, S. Português como língua de herança: que português? Que língua? Que herança?. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia (MG), v. 12, n. 2, p. 1161-1179, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.14393/DL34-v12n2a2018-18. Acesso em: 19 dez. 2025.

NAWYN, S. J. *et al*. Linguistic isolation, social capital, and immigrant belonging. **Journal of Contemporary Ethnography**, [*s. l.*], v. 41, n. 3, p. 255-282, 2012.

RUMBAUT, R. G.; MASSEY, D. S. **Immigration & language diversity in the United States**. Dædalus, Cambridge (Estados Unidos da América), v. 142, n. 3, p. 141-154, 2013.

SCONTRAS, G.; FUCHS, Z.; POLINSKY, M. Heritage language and linguistic theory. **Frontiers in Psychology**, [*s. l.*], v. 6, art. 1545, 2015. Disponível em: https://www.frontiersin.org/journals/psychology/articles/10.3389/fpsyg.2015.01545/full. Acesso em: 17 dez. 2025.

VALDÉS, G. Heritage language students: profiles and possibilities. *In*: PEYTON, J. K.; RANARD, D. A.; MCGINNIS, S. (ed.). **Heritage languages in America**: preserving a national resource. Washington, DC (Estados Unidos da América): Center for Applied Linguistics; McHenry (Estados Unidos): Delta Systems, 2001. p. 37-77.